

# NOVO ALVORESER OU ETERNO CREPÚSCULO?

Vladimir Shubin<sup>1</sup>

## Introdução

Em 29 de junho de 2021, a Corte Constitucional Sul-Africana condenou o ex-presidente da República da África do Sul e do partido do governo - o Congresso Nacional Africano (ANC) - Jacob Zuma, a quinze meses de prisão por “desacato à corte” (*contempt of court*). Zuma havia se negado a depor à comissão de Estado, tendo deixado reunião da comissão sem autorização, e subsequentemente se recusado a participar de seus trabalhos. Este órgão, que leva o nome oficial de “Comissão Judicial de Inquérito de Alegações de Captura de Estado”, foi criado no início de 2018 durante a presidência do próprio Zuma, embora não por sua vontade, mas pela ordem do Defensor Público, como é chamado o cargo de ombudsman na África do Sul. Já que este é presidido pelo Vice-Presidente do Supremo Tribunal da África do Sul, Raymond Zondo, muitos se referem ao órgão por seu nome.

Conforme a decisão da Corte, Zuma devia se apresentar a uma das delegacias de polícia de Nkandla, na província de Kwazulu-Natal, onde possui uma chácara, ou no centro de Joanesburgo, até 4 de julho. A defesa de Zuma recorreu à Corte Constitucional da África do Sul por uma rescisão da ordem de desacato, levando em consideração o estado de saúde do ex-presidente, que já tinha 79 anos, além da séria ameaça do coronavírus, cuja “terceira onda” assolava a África do Sul em junho de 2021. O pedido foi considerado pela corte, mas a decisão foi reservada. Em paralelo, Zuma pediu ao Superior Tribunal Sul-Africano na capital provincial de Pietermaritzburgo que rejeitasse ou postergasse sua prisão, mas o julgamento também foi adiado até 9 de julho.

Decisões negativas foram emitidas em ambos os casos, mas antes, já que Zuma não se entregou à custódia policial no dia 4, o comando da polícia

---

<sup>1</sup> Pesquisador do Instituto de Estudos Africanos da Academia Russa de Ciências, Rússia.

foi obrigado a prendê-lo dentro de três dias, ou seja, até a meia-noite de 7 julho. Caso contrário, o Comissário da Polícia Nacional Sul-Africana Khehla Sitole e seu superior direto, o Ministro da Polícia Bheki Cele, seriam alvos de processo penal. Forças policiais já haviam começado a chegar na propriedade de Zuma, mas antes mesmo disso, seus apoiadores, alguns dos quais armados e incluindo membros da organização de veteranos chamada “Associação de Veteranos Umkhonto we Sizwe” (MKVA) se juntaram no local para prevenir sua prisão. Esta organização, no entanto, não inclui apenas veteranos da luta armada contra o regime apartheid, nunca foi parte da estrutura oficial do ANC e recentemente fora abolida no processo de formação do órgão de veteranos MK unidos.

Por acaso naquela noite eu estava na África do Sul, ficando na Cidade do Cabo e assistindo os acontecimentos na televisão local. A situação estava se tornando visivelmente tensa, mas próximo à meia-noite um comboio de carros oficiais deixou o local. Inicialmente foi reportado que Zuma permanecera em sua casa e que os carros levavam altos oficiais do governo que haviam chegado mais cedo mas não conseguiram convencê-lo a se entregar à polícia. Entretanto, em alguns minutos essa informação foi corrigida: era o ex-presidente que deixava a mansão acompanhado de sua unidade de proteção VIP.

Acompanhado por familiares, Zuma foi ao recém-construído “instituto correcional” da cidade de Estcourt, considerado um presídio exemplar. “Eu me entreguei para evitar derramamento de sangue,” ele diria a seus apoiadores (ENCA 2021). Segundo relatos, foi sua ex-mulher, Nkosozana Dlamini-Zuma, uma ministra do governo de Cyril Ramaphosa, seu principal competidor nas eleições presidenciais do ANC, quem conseguiu persuadir Zuma a fazer isso.

Parecia que o pior havia sido evitado, mas no dia seguinte tumultos eclodiram na província de KwaZulu-Natal, onde Zuma mora, e no domingo 11 de julho, os protestos se espalharam para a província de Gauteng, no centro do país, onde ficam a maior cidade da África do Sul, Joanesburgo, e sua capital administrativa, Tshwane (Pretoria). Além disso, ocorreram distúrbios de ordem pública isolados, mas cinco das nove províncias do país não foram afetadas.

Tudo começou com o bloqueio das principais rodovias, onde apoiadores de Zuma detiveram ou até atearam fogo a caminhões. Isso foi rapidamente seguido de “pogroms” e incêndios de comércios e armazéns, bancos e até mesmo escolas. Assim, a prisão de Zuma serviu de “gatilho” e catalisador de instabilidade, cujas perdas geradas, tanto humanas como materiais, foram enormes. De acordo com dados preliminares, mais de 350 pessoas morreram

---

2 Pesquisador do Instituto de Estudos Africanos da Academia Russa de Ciências. E-mail: vlg@yandex.ru.

num espaço de dez dias, muitas das quais numa debandada durante o saque de lojas. Mais de dois mil e meio participantes das revoltas foram detidos. O governo sul-africano alegou que um total de 40.000 negócios foram afetados, e as perdas para a economia do país são estimadas em R50 bilhões (USD 3,4 bilhões). Danos extensos foram causados a 161 shoppings e centros comerciais, 11 armazéns, 8 fábricas e 161 lojas e distribuidoras de bebidas alcóolicas. 1.400 caixas automáticos e noventa farmácias foram danificadas e 300 bancos e correios foram vandalizados. Além disso, ao todo 40.000 negócios e 50.000 comerciantes foram afetados, enquanto o equivalente a R1.5 bilhão de estoque foi perdido e 150.000 empregos foram declaradamente postos em risco. Algumas perdas foram simplesmente inacreditáveis: 140 escolas foram vandalizadas ou queimadas na província de Kwazulu-Natal.

Mais tarde, o Presidente Cyril Ramaphosa admitiria que o Estado não havia atuado tão rapidamente como deveria, e disse que o incidente era uma lição para o futuro. A polícia, de fato, foi lenta em tomar medidas contra os saqueadores, e houve um número de razões para isso. Primeiro, mesmo previamente faltavam pessoal e equipamento, e em 2021, devido ao orçamento de austeridade da COVID-19, gastos policiais foram reduzidos em 11.8 bilhões de rand.

Em segundo lugar, houve uma falta de troca de informações entre a polícia e agentes de segurança do Estado, eles até mesmo se contradiziam em suas declarações públicas. Por último, a polícia pode ter agido com excesso de cautela, pois a corporação foi duramente criticada pelas mortes de 34 mineiros durante a greve e as rebeliões na mina Marikana em 2012, além de que 11 supostos violadores do regime de quarentena foram mortos durante o lockdown completo da África do Sul na primeira metade de 2020 em decorrência do uso de força excessiva pelo exército.

Inicialmente o governo foi relutante em enviar tropas para as cidades, mas apenas após irem às ruas para reprimir os levantes por ordem do Presidente enquanto comandante em chefe da Força de Defesa Nacional Sul-Africana, primeiro 2.500, e então 25.000 soldados e oficiais conseguiram parar os trágicos eventos em andamento. Não obstante, deve-se notar que em muitos lugares, moradores cooperaram com a polícia e o exército, protegendo propriedades de ladrões e incendiários, e se envolveram ativamente na limpeza das ruas e locais saqueados.

Julius Malema, líder do partido radical “Economic Freedom Fighters” (EFF, guerreiros da libertação econômica), criticou a decisão de Ramaphosa de empregar as forças armadas para sufocar a rebelião e ameaçou se juntar a ela. “Nenhum soldado nas nossas ruas! Caso contrário, nos juntaremos. Todos os combatentes devem estar prontos”, ele disse. No entanto, Malema não especificou a qual lado se juntaria e, felizmente, nenhuma ação foi tomada

por seu partido quando o exército de fato foi às ruas.

O que causou esses eventos? O Presidente Cyril Ramphosa os chamou de “tentativa falha de insurreição”. De acordo com ele, os tumultos foram planejados e coordenados, e seus instigadores estavam bem organizados. De qualquer forma, a questão de quem essas pessoas eram permanece em aberto. Relatou-se que doze pessoas foram identificadas como os instigadores dos protestos, mas apenas duas delas foram detidas – um ex-DJ de rádio e um candidato a prefeito de uma pequena cidade da Aliança Patriótica, um partido nanico recém-formado. Fontes oficiais providenciaram informações de que, junto com os organizadores, havia antigos e atuais membros dos serviços especiais – apoiadores de Zuma, mas nenhum nome ainda foi revelado.

Ao mesmo tempo, embora os sul-africanos evitem falar sobre o fator étnico das manifestações, é dificilmente acidental que as rebeliões tenham acontecido principalmente em ZwaZulu-Natal e em Gauteng, onde muitos zulus também vivem. A destituição de Zuma, de etnia zulu, da presidência, e depois sua prisão, desagradaram muitos de seus conterrâneos. Mas, por outro lado, muitos zulus participaram da resistência contra os revoltosos, prestando assistência às forças de lei e ordem e está claro que as milhares de pessoas que participaram das manifestações não eram necessariamente apoiadores de Zuma.

Os manifestantes não tinham slogans políticos e ataques às sedes do partido do governo não foram registrados em nenhum lugar do país. Outro aspecto peculiar destes eventos é a ausência de confrontos entre africanos e brancos. O único conflito interracial ocorreu em Phoenix, um subúrbio tradicionalmente indiano onde mais de 30 pessoas, tanto saqueadores como inocentes, foram mortas por vigilantes locais.

A dúvida é legítima: as agitações começaram espontaneamente, ou houve certas forças por trás delas? Parece que as primeiras ações poderiam ter sido organizadas pelos tenentes de Jacob Zuma, que estavam mais preocupados com sua própria segurança enquanto suspeitos em crimes de corrupção, e não com o ex-presidente da África do Sul. Mas os planos iniciais de um protesto localizado aparentemente falharam e se espalhando levantes pela vastidão do país.

A África do Sul conseguiu avanços inquestionáveis ao longo dos anos de democracia, em particular nas áreas de eletrificação, educação e moradia, mas embora o ANC seja aliado do Congresso de Sindicatos Sul-Africanos e do Partido Comunista, a maioria das pessoas na África do Sul ainda vive em muita pobreza; além disso, a brecha entre ricos e pobres tem crescido notavelmente desde 1994.

O índice de desemprego está muito alto; de acordo com dados oficiais, chegou recentemente a recorde 34,4% no segundo trimestre de 2021, e

44,4% de acordo com uma definição expandida de desemprego que inclui aqueles desencorajados de procurar trabalho [Reuteurs] e é ainda pior entre jovens. A situação foi agravada pela pandemia, que levou à perdas de milhões de empregos e ao fechamento de muitos negócios, especialmente pequenas empresas.

Outra causa de insatisfação é o ritmo lento de vacinação e a volta das severas restrições que o Presidente Ramaphosa anunciou em 27 de junho, que mais uma vez incluíam, em particular, uma proibição completa da venda, compra e transporte de álcool. Assim, parece que se passou do limite da paciência de muitas pessoas e elas começaram a destruir tudo em seus caminhos.

No começo dos anos noventa na África do Sul, um termo popular muitas vezes usado, em particular pelo ganhador do Prêmio Nobel, arcebispo Desmond Tutu, era “nação arco-íris”. Entretanto, quando a situação na África do Sul passou a reluzir menos, como muitos haviam esperado, surgiu a amarga piada: “o arco-íris é uma ilusão de ótica.” Agora, do mesmo modo, uma expressão igualmente ácida surgiu: “É um novo alvorecer ou eterno crepúsculo?”

De qualquer maneira, como todos sabemos, um novo alvorecer não pode ser longo e um novo dia sempre chega, seja ele bom ou ruim. Entretanto, é difícil avaliar os acontecimentos na África do Sul durante a “era Ramaphosa” nestes termos tão simples. Talvez seja justo comparar sua natureza contraditória com a controversa natureza da história de vida de Cyril Ramaphosa. Nos anos do apartheid, quando era Secretário Geral do Sindicato Nacional dos Mineiros, ele advogava abertamente pelo socialismo, mas assim que a Assembleia Constituinte completou seu trabalho, sob sua presidência, ele entrou no meio empresarial e se tornou um dos africanos mais ricos da República da África do Sul. A maneira que Ramaphosa se descreve é reveladora: “eu sou um socialista, mas opero num mundo capitalista. Logo, eu sou um capitalista com um instinto socialista.”

É verdade que sob sua liderança o ANC inicialmente recuperou a autoridade moral e a confiança do povo que havia sido perdida durante a “era Zuma”. Isso foi confirmado pelos resultados das eleições para o parlamento nacional e assembleias legislativas das nove províncias da África do Sul em 8 de maio de 2019, quando o ANC recebeu 57,5% dos votos, abaixo dos 62,15% da eleição de quatro anos antes, mas 3,5% acima das eleições locais de novembro de 2017, antes da renúncia de Zuma.

Cyril Ramaphosa conseguiu o apoio de outros membros da Aliança Tripartite liderada pelo ANC: o Partido Comunista Sul-Africano (SACP), com seus 250 milhões de membros que muito contribuíram para o sucesso eleitoral do ANC, e o Congresso de Sindicatos Sul-Africanos (COSATU).

Mesmo assim, há quatro anos do início do mandato de Ramaphosa, é difícil encontrar traços de socialismo em suas atividades.

O forte controle do ANC sobre o governo central e oito governos provinciais (uma província, o Cabo Ocidental, permanece sob a administração do principal partido de oposição, a Aliança Democrática), não resultou em estabilidade econômica e política nos anos seguintes. O PIB teve altas e baixas, o desemprego seguiu muito alto e o “efeito Ramaphosa”, a grande simpatia para com o novo líder, começou a se esvaír.

Um novo e duro golpe contra a economia da África do Sul foi a pandemia de Covid-19. Inicialmente, as decisões resolutas tomadas por Ramaphosa, um lockdown total, incluindo a proibição de álcool e tabaco, foram bem-vindas a despeito de seu rigor. No entanto, a piora contínua da situação econômica, atrasos na vacinação em massa e, especialmente, a revelação de corrupção ligada a compra de equipamentos de proteção individual (EPI) alteraram o clima. Num primeiro momento a figura política mais popular depois de Ramaphosa era Zweli Mkhize, ministro da saúde, que muitos consideravam seu futuro sucessor (ele recebeu o maior número de votos na eleição direta dos membros comitê executivo nacional (NEC) do ANC em 2017), por isso foi especialmente profunda a decepção quando ele também foi acusado de corrupção.

Ramaphosa reagiu a esses acontecimentos numa carta aberta contundente (talvez demais): “Hoje o ANC e seus líderes são acusados de corrupção. O ANC pode não estar sozinho no banco de réus, mas é o acusado número um. Esta é a dura realidade que agora devemos confrontar. Em sua última reunião, no começo deste mês, o comitê executivo nacional (NEC) do ANC reconheceu o justificável ultraje causado pelos recentes relatos de corrupção. Disse que esses acontecimentos nos fizeram baixar nossas cabeças coletivamente de vergonha e em humildade perante o povo.”

Entretanto, brigas internas e picuinhas dentro do ANC também causaram danos. Se depois da renúncia de Zuma e da eleição geral de 2019 o partido parecia unido, ao menos na superfície, mais tarde as discussões sobre facções dentro do ANC se difundiram.

A Comissão Zondo, mencionada acima, iniciou suas atividades em agosto de 2018, e seu mandato foi ampliado várias vezes. Alguns advogados acreditam que o processo da Comissão levanta sérias questões sobre sua equidade. A falta de colegialidade em sua composição, a falta de exame-cruzado das testemunhas e a politização de seus trabalhos afetam a realização efetiva de seus propósitos oficiais e o resultado positivo da comissão de inquérito<sup>3</sup>.

---

3 O Prof. Alexander Mezyaev é Chefe do Departamento de Direito Intenacional, da faculdade de Direito, Universidade de Administração TISBI, Kazan, Rússia, Editor-Chefe do “Kazan

Além disso, é um empreendimento bastante custoso, já que o dinheiro gasto em sua operação chega perto de 1 bilhão de rand. De qualquer forma, sua atividade, especialmente as declarações das testemunhas, oferecem um valioso retrato da vida política e econômica da África do Sul nos últimos anos.

Em particular, durante as sessões da comissão Zondo, foram revelados muitos fatos prejudiciais a Zuma, mas a comissão também revelou um número de casos danosos para Ramaphosa e seus colegas. Alegou-se em particular que uma porção de líderes do ANC recebia subornos (tanto em dinheiro como em serviços) da companhia Bossassa, que providenciava serviços ao partido. 500 mil rand foram alocados pela empresa para a campanha CR 17, que visava facilitar a eleição de Ramaphosa ao posto de presidente do ANC no congresso partidário de dezembro de 2017. Além disso, Ramaphosa cometeu um erro quando inicialmente disse que o dinheiro havia sido um pagamento a seu filho por serviços prestados à Bossassa. A Promotora de Justiça Busisiwe Mkhwebane inclusive se valeu do incidente para acusar Ramaphosa de violação da constituição e do código de ética do executivo por ter “enganado” parlamentares sobre a doação de campanha da Bossassa. Ela perdeu a causa na justiça, mas o presidente sofreu mais um abalo com a divulgação da lista de doações para a CR17, que incluía grandes quantias provenientes de empresas de proprietários brancos.

Depois, as provas dadas por Sidney Mufamadi, ex-Ministro de Segurança Pública que chefiou a comissão especial “sobre a avaliação do mandato, potencial e integridade” da Agência de Segurança de Estado (SSA) da África do Sul, tornaram claro que seu relatório, encaminhado somente a Ramaphosa muitos meses antes, era altamente crítico às atividades da SSA sob o governo de Zuma. Apenas após essa divulgação o presidente tornou público: “Um achado chave do painel é que houve mau-uso e faccionalização da comunidade de inteligência ao longo da última década ou mais, o que resultou num quase completo descaso pela Constituição, políticas, legislação e outras prescrições”. Mesmo assim, a maioria das recomendações da comissão não foram levadas a cabo até agora. Arthur Fraser, Diretor Geral da SSA teve de deixar seu posto, mas de maneira muito específica: foi transferido para a mesma posição no Departamento de Serviços Correccionais. Apenas recentemente a questão da suspensão foi levantada.

O próprio Ramaphosa teve de encarar a Comissão Zondo, apresentando suas provas primeiro como líder do ANC, depois como ex-vice-presidente de Zuma e então como o atual chefe de Estado. Tentando explicar sua “inação”, ele disse que a melhor maneira de combater a captura de Estado foi de dentro

---

Journal of international law and international relations” e professor visitante da Universidade de Joanesburgo (África do Sul).

do governo e do partido governante, e, por isso, serviu abaixo de Zuma no momento em que a captura mais assolava o país. “A opção final para mim, que é o que eu escolhi, foi de permanecer na posição de vice-presidente; não de renunciar, não de aquiescer e me juntar, ou de confrontar, mas de trabalhar com outros no executivo para resistir aos abusos e causar mudança onde podíamos.” Entretanto, seus argumentos não foram convincentes para muitos sul-africanos.

Dentre as decisões tomadas na conferência de 2017 do ANC, três foram consideradas as mais importantes: da nacionalização do Banco da Reserva da África do Sul, da redistribuição de terra e da regra de “passo ao lado”, exigindo que aqueles acusados de corrupção voluntariamente deixassem seus cargos e aqueles supostamente envolvidos, indiciados e acusados encarassem a Comissão de Integridade do ANC.

Resumidamente, as primeiras duas decisões até agora não foram levadas a cabo: Tito Mboweni, indicado por Ramaphosa ao cargo de Ministro de Finanças, se opôs publicamente à mudança da administração do Banco<sup>4</sup> e o processo de adoção da nova lei que permite o confisco de terras sem ressarcimento está em andamento, mas muito lentamente.

A ideia de facções se tornou comum na África do Sul, mas é correto usá-la? Verdade, o fim dos distúrbios é visto no país como uma derrota para a chamada “facção da Transformação Econômica Radical (RET)” no ANC. Seus membros usam este termo, aprovado pela conferência do ANC, mas são conhecidos não apenas pela retórica “esquerdista” e pelo apoio a Zuma, mas muitas vezes também pela participação em negociatas corruptas. Todavia, é errado falar sobre a facção de Ramaphosa, porque não é uma facção, senão a maioria, pelo menos por enquanto.

A pessoa mais famosa na chamada “facção RET” é o Secretário Geral do ANC Elias (“Ace”) Magashule, eleito em 2017 com uma pequena margem de apenas 24 votos e cuja filiação ao partido foi suspensa. Ele foi preso em 11 de novembro de 2020, acusado de 74 crimes de corrupção, lavagem de dinheiro e fraude relacionados a um projeto de remoção de asbestos durante seu mandato como premiê do Estado Livre. Foi solto após pagar fiança de 200 mil rand.

Foram dados trinta dias para Magashule, junto com outros acusados, decidir se deixaria seu cargo no partido, mas ele recusou e foi suspenso pelo Comissão Executiva Nacional do ANC. Ele entrou com recurso contra a carta de suspensão e recorreu judicialmente, mas perdeu a causa. Nessas circunstâncias, ele – como costumam dizer – apostou a casa: enviou uma carta de suspensão ao Presidente do ANC argumentando que o havia feito

---

<sup>4</sup> Ele deixou seu posto em outubro de 2021, quando os ministérios foram recompostos.



antes de sua suspensão. Naturalmente, seu gesto aborreceu a liderança do partido, e terminou como mais uma causa perdida na justiça.

Voltemos agora para o destino de Jacob Zuma. De acordo com os relatos na mídia de massas, Zuma não passou sequer uma noite em sua cela. Ele foi colocado na sala médica daquele “centro correccional” e então foi transferido para hospitais dentro e fora da prisão. O cumprimento de sua pena foi interrompido no dia 22 de julho quando ele foi temporariamente liberado para comparecer ao funeral de seu irmão. Depois, no dia 5 de setembro, Arthur Fraser, mencionado acima, lhe conferiu licença médica, embora sem recomendação do conselho penitenciário.

Zuma foi a sua propriedade em Nkandla, e de lá dirigiu-se por vídeo a uma “festa de boas-vindas” organizada por seus apoiadores em Durban. De maneira característica, foi inflexível em seu discurso. Ele então deixou Nkandla com a permissão das autoridades para se encontrar com um grupo de apoiadores que incluía Magashule num centro de entretenimento em Durban.

Num artigo previamente publicado nesta revista em 2018 o autor previu que, levando em consideração o sistema legal sul-africano, provavelmente demoraria anos até que soubéssemos o que aconteceria com Jacob Zuma. Provei estar certo: a primeira real sessão de seu julgamento por corrupção em conexão com uma compra de armas, oficialmente conhecida como o “Pacote de Defesa Estratégica”, deve começar em 11 de abril de 2022, mais de quatro anos depois de seu início formal. Ademais, pode ser ainda mais adiado porque a corte ainda precisa considerar mais um recurso de Zuma.

Em meio a tudo isso, o principal oponente do ANC, a Aliança Democrática (DA), não tinha menos problemas. Seu líder, Mmusi Maimane, Herman Mashaba, ex-prefeito de Joanesburgo, e outros africanos proeminentes deixaram o partido.

Tudo isso acontecia quando a África do Sul se preparava para realizar eleições municipais. A Comissão Eleitoral Independente propôs adiá-las para 2022 devido à pandemia, mas a Corte Constitucional rejeitou a proposta porque as eleições devem ocorrer a cada cinco anos. E assim, a disputa ocorreu no dia primeiro de novembro.

A desilusão dos eleitores com os principais partidos políticos e estruturas democráticas resultou numa considerável queda no número de participantes, de 57% em 2016, para 45,7% em 2021, e numa migração de votos do ANC e DA para partidos menores, alguns deles recém-formados. O chefe de eleições do ANC, Fikile Mbalula, caracterizou o mau desempenho do partido em algumas áreas como um “tiro de advertência”. Ele explicou de forma bastante cândida: “Aqueles em nossa base que não saíram para votar, isso nos conta algo. Nós temos de lidar com as queixas levantadas. Nós

tínhamos de lidar com as questões de eletricidade, questões de água. Como você diz a uma pessoa que ficou sem água por cinco anos, numa véspera de eleição, que saíamos às urnas para votar?”. Em cima disso, uma “redução de carga”, ou “repartição de carga” (*load shedding*), como são chamados os blecautes planejados, foi realizado pela estatal ESCOM numa série de áreas da África do Sul na véspera e mesmo no dia das eleições.

Os protestos dos sul-africanos tomaram várias formas naquele dia, em alguns casos, muito incomuns. 22 locais de votação na província do Cabo Oriental, um reduto histórico do ANC, não puderam ser abertos no horário após comunidades enfurecidas cavarem trincheiras ao redor dos espaços e trancarem portões com seus próprios cadeados.

Os resultados das eleições locais foram totalmente decepcionantes para o ANC. O partido recebeu menos de 47,9%, o que é 6% a menos que nas eleições locais anteriores, cinco anos antes (e 9,5% menos do que nas eleições nacionais e provinciais de 2019). Pela primeira vez desde o nascimento da África do Sul democrática, menos da metade dos eleitores apoiava o partido governante. A DA perdeu 6,9%, chegando a 20%, enquanto o EFF subiu 2,3%, chegando a 10,6%.

No entanto, apesar do evidente fracasso e de fortes críticas ao atual governo ANC, é fato universalmente reconhecido na África do Sul que até agora não há outra real força que possa governar o país. A nível local, entretanto, a situação é bastante diferente. Na véspera das eleições, Ramaphosa expressou sua confiança de que o ANC ganharia facilmente e disse que coalizões não eram parte de seu vocabulário [Sidimba 1]. Infelizmente para ele, o vocabulário do partido logo teve de mudar. A questão agora não é de entrar ou não em coalizões, senão sob quais condições fazê-lo. Ao falar sobre coalizões, o Vice-Secretário Geral do ANC, Jessie Duarte, disse que nada estava fora de pauta: “Existem muitos tipos de coalizão, como coalizões transacionais. Uma coisa é certa, nós não estamos negociando de uma posição de fraqueza. Coalizões são sobre concessões”.

David Makhura, chefe provincial do ANC, especificou: “Eu quero enfatizar que nós não estamos desesperados apenas para estar nos governos municipais... Por isso, nós estamos abordando tudo baseados em princípios, mas também em nossa experiência, e nós não queremos formar coalizões que no meio [do mandato] se desfaçam. Nós não queremos formar coalizões que tenham um grupo de pessoas que não se decidiram a respeito do que realmente querem fazer. Por isso, não estamos procurando parceiros desesperadamente.” Ele disse que a apatia eleitoral em Gauteng significou que as pessoas não se convenceram da renovação do partido com a mensagem da campanha. O partido agora precisava abordar a agenda de renovação com urgência.

No final das contas, dos 213 municípios disputados, o ANC conseguiu uma boa maioria de assentos em 161, a DA conseguiu a maioria em 13, e o IFP em 10 municípios. 66 ainda estão “pendurados”, sem governo ou coalizão majoritária definida. Ainda assim, mesmo tendo garantido o controle sobre 75% dos municípios do país, o ANC teve de lutar duro pelas grandes cidades, e com sucesso limitado.

O ANC conseguiu mais de 50% dos assentos em apenas dois dos oito municípios metropolitanos da África do Sul, Mongaung (Bloemfontein) e Buffalo City (East London). O partido recebeu mais votos que a DA em três municípios metropolitanos pendurados da província central de Gauteng: Joanesburgo, Tshwane – a capital administrativa da África do Sul – e Ekurhuleni, mas precisa de parceiros de coalizão para formar os governos locais. O ANC perdeu sua maioria completa em Ethekwini (Durban), com 30 assentos a menos no conselho municipal, e precisa procurar parceiros de coalizão lá também. Os dois outros principais partidos receberam um número quase igual de votos em Gqeberha (Porto Elizabeth), com apenas 2564 a mais (0,5%) para o DA. Logo, a coalizão com um deles é inevitável nessa cidade. A Aliança Democrática manteve o controle sobre a Cidade do Cabo, a capital parlamentar, embora com uma maioria reduzida.

Assim surge um papel único para partidos menos, que podem desempenhar a função de “fazedor de reis”, mesmo com um número pequeno de assentos.

Naturalmente, levará tempo para que se analise profundamente as causas desse dramático revés, mas as opiniões que vêm chegando são reveladoras. De acordo com o Dr. Blade Nzimande, membro do NEC do ANC e Secretário Geral do SACP, também ministro da educação superior, ciência e tecnologia, “fatores contribuintes para o declínio no comparecimento às urnas incluem divisões internas no ANC, conduta faccional e situações nas quais parceiros de aliança estavam marginalizados. “... Nós temos observações iniciais a destacar. Os resultados que começam a emergir eram previsíveis. É por isso que durante a campanha nós tentamos virar a maré contra, ou pelo menos limitar a extensão do declínio. Houve problemas com serviços de entrega afetando várias comunidades através do país. Problemas dentro do nosso amplo movimento, como divisões internas e contra-campanhas do ANC, conduta faccional e situações nas quais parceiros de Aliança eram marginalizados, resultando em comunidades divididas e numa falha em providenciar serviços de qualidade,” Nzimande disse.

Ele ainda enfatizou que o ANC precisa que COSATU e SACP sobrevivam. “Aqueles que pensam o contrário, aqueles que pensam que o ANC pode sobreviver e se dar bem abandonando a Aliança, causarão mais danos para o ANC e sua natureza e caráter. Deixar isso ter precedência

equivalaria a abrir caminho para o abandono da trajetória de uma revolução democrática nacional e fortalecer a corrente contrarrevolucionária, da qual alguns elementos se encontram nas fileiras de nosso amplo movimento.”

Representante de outro membro da aliança liderado pelo ANC, o porta-voz nacional do COSATU, Sizwe Pamla disse que o número de eleitores foi “decepcionante, mas não chocante. Faccionalismo, corrupção, má gestão da economia, de estatais e de municípios. Reduções de carga e outras inúmeras razões levaram à apatia eleitoral. Faccionalismo e disputas internas são alguns dos fatores contribuintes”.

Diferente de suas declarações pré-eleição, o Presidente Ramaphosa usou um tom conciliatório quando discursou na apresentação dos resultados eleitorais pela Comissão Eleitoral Independente (IEC). Tendo lembrado que a eleição “foi disputada por um número recorde de 325 partidos políticos e quase 95.000 candidatos, dos quais mais de 1.500 eram independentes, ele continuou: “Se nós vamos fazer dessa era uma nova e melhor era, nós, como líderes, devemos deixar nossas diferenças de lado e trabalhar juntos num espírito de parceria, de cooperação, de colaboração e de propósito comum, no interesse do povo da África do Sul. No final do dia, nós todos queremos a mesma coisa: melhorar as vidas do povo sul-africano. Tornemos as promessas que fizemos durante as campanhas em realidade. Nos unamos pelo propósito comum de recuperação e reconstrução.

Os resultados da eleição foram anunciados pela Comissão Eleitoral Independente da África do Sul na noite de 4 de novembro, e foi relatado que o Grupo de Trabalho Nacional do ANC logo reuniria uma comissão de trabalho ampliada, que incluiria líderes provinciais. O partido governante então realizará uma sessão do Conselho Geral Nacional para decidir sobre políticas e matérias constitucionais, a ser seguido pela 55ª Conferência Eletiva Nacional em 2022 e pelas eleições gerais parlamentares e provinciais de 2024.

Os tempos vindouros não serão fáceis para o Presidente Ramaphosa. “O ANC precisa começar a discutir com Cyril a possibilidade de ele cumprir apenas um mandato, em 2024 precisamos de um líder forte”, diz um comentário na internet. Zakhele Ndlovu, um analista político sul-africano disse: “A facção Zuma deve tentar capitalizar o mau desempenho nas eleições e tentar se livrar de Ramaphosa.” Uma derrota da “facção RET” fortaleceu a posição de Zuma no ANC. Além disso, após sua suspensão, Magashule não consegue mais inflar o número de ramos e membros do partido para ganhar mais apoiadores na próxima conferência eletiva nacional. Entretanto, Zuma ainda permanece popular, especialmente em KwaZulu Natal, onde é visto como vítima do presidente atual e de outros no ANC com supostos vínculos ao “capital de monopólio branco”.

É verdade que até agora não há nenhum concorrente visível para o

cargo máximo, mas tais candidatos aparecerão se Ramaphosa seguir perdendo sua popularidade inicial.

A situação na África do Sul definitivamente se estabilizou após os trágicos eventos de julho de 2021, e a prova disso foi o sossego e a paz das eleições, sem qualquer incidente significativo. No entanto, alguns na África do Sul acreditam que os eventos do passado são apenas um “ensaio geral” para o futuro e que o veredito esperado para Zuma no julgamento por corrupção, em particular, pode servir como um novo “gatilho”.

Muito se fala sobre a necessidade de “reformas econômicas” na África do Sul, mas isso é frequentemente reduzido a mais privatizações e a “liberalização” das leis trabalhistas. Entretanto, parece que, para se manter estabilidade e prevenir a repetição de eventos tão trágicos, além de se aprimorar o trabalho da segurança governamental e de outros órgãos, é necessário garantir um real aumento no padrão de vida da maioria dos sul-africanos. Será isso possível sem abandonar a política econômica atual, considerada “neoliberal” na África do Sul, e fortalecendo o papel do Estado na economia? Eis a questão.

## REFERÊNCIAS

- ANC. 2021. *54th National Conference. Reports and resolutions.*
- Businesstech. 2019. *Public protector says Ramaphosa violated the constitution.* July 19 2019. available at <https://businesstech.co.za/news/government/330319/public-protector-says-ramaphosa-violated-the-constitution/>
- ENCA. 2021. ‘I handed myself over to avoid bloodshed’ – Zuma. October 14 2021.
- Feketha Siviwe. 2020. *The ANC may not stand alone in the dock, but it does stand as Accused No.1 – Ramaphosa.* (iol.co.za) Aug 23, 2020.
- Ferreira Emsie. 2021. Ramaphosa confronted with too much evidence of his inaction. Mail and Guardian, 11 August 2021.
- Harvey Ebrahim. 2015. *Is Ramaphosa still a shoo-in?* Mail and Guardian, 20 September 2015.
- IOL. 2021. *News that Connects South Africans.* October 31, 2021.
- Mezyaev Alexander. 2021. South African commission on so called state capture. *XV International Conference of Africanists. DESTINIES OF AFRICA IN THE MODERN WORLD.* Moscow, Russia, May 24–28, 2021. ABSTRACTS, p. 544-545.
- Macupe Bomgekile. 2021. We are not desperate to be in government, so we

won't rush into coalitions', says ANC's Makhura. *City Press*, 3 November 2021.

Mavuso Sihle. 2021. *Jacob Zuma votes in Nkandla; says no one can tell him to shun ANC*. Available at: [iol.co.za](http://iol.co.za). 1 November 2021.

News 24. 2021. *Julius Malema challenges Ramaphosa to recall the army from unrest hotspots*. 26 July 2021. Available at: <https://www.news24.com/news24/southafrica/news/julius-malema-challenges-ramaphosa-to-recall-the-army-from-unrest-hotspots-20210726>

Mahlali Zintle. 2021. ANC's poor election showing a 'warning shot' for the party, Mbalula concedes. *News 24*. Available at: <https://www.news24.com/news24/southafrica/news/ancs-poor-election-showing-a-warning-shot-for-the-party-mbalula-concedes-20211102>

Mayibongwe, Maqhina. 2021. *Police budget cut by R11bn due to Covid*. IOL, 4 May 2021. Available at: <https://www.iol.co.za/news/politics/police-budget-cut-by-r11bn-due-to-covid-91ea4717-fc3f-47bf-a71a-14e856e8f901>

Pillay Kailene. *Coalition talks and hung municipalities*. IOL, 4 November 2021. Available at: <https://www.iol.co.za/news/politics/coalition-talks-and-hung-municipalities-co4aeacf-fd82-4242-8580-33344e117cfe>

Reuters. 2021. *South Africa's unemployment rate hits new record high in second quarter*. 24 August 2021. Available at: <https://www.reuters.com/article/safrica-economy-unemployment-idUSJ8N2KH000>

SA News. 2021. 16 July 2021. Available at: <https://www.sanews.gov.za/south-africa/president-ramaphosa-attempted-insurrection-failed-gain-popular-support>

Sidimba Loyiso. 2021. *Ramaphosa: the ANC will win local government elections outright, not thinking about coalitions*. Oct 31, 2021. Available at: <https://www.iol.co.za/news/politics/ramaphosa-the-anc-will-win-local-government-elections-outright-not-thinking-about-coalitions-87fffe2e-6ddd-4d45-a90c-a1789c6d572b>

Sidimba Loyiso. 2021. *This is what the ANC, DA will need to do to govern Gauteng's big three metros*. Nov. 4, 2021. Available at: <https://www.iol.co.za/news/politics/this-is-what-the-anc-da-will-need-to-do-to-govern-gautengs-big-three-metros-ce671d90-1ee2-4412-bb75-54269407e31f>

Solomons Tarryn-Leigh. *ANC needs Cosatu and SACP to survive, says Blade Nzimande*. Available at: <https://www.iol.co.za/news/politics/anc-needs-cosatu-and-sacp-to-survive-says-blade-nzimande-a649f747-1af3-43a1-bc7e-014da3df0f40>

- South African Government. 2021. *President Cyril Ramaphosa: Update on security situation in the country*. 16 Jul 2021. Available at: <https://www.gov.za/speeches/president-cyril-ramaphosa-update-security-situation-country-16-jul-2021-0000>
- South African Government 2021. *President Cyril Ramaphosa: Results of the local government elections 2021*. 4 Nov 2021 Available at: <https://www.gov.za/speeches/president-cyril-ramaphosa-results-local-government-elections-2021-4-nov-2021-0000>
- Tandwa Liseka. 2021. The ANC's step-aside rule explained: past, present and what's next for Ace & co. *Mail and Guardian*, 2 May 2021.
- The Presidency. *Republic of South Africa*. President Ramaphosa releases Review Panel Report on State Security Agency. Available at: <http://www.thepresidency.gov.za/press-statements/president-ramaphosa-releases-review-panel-report-state-security-agency>
- Van Zyl, Corne. 2021. "Police recovered a looted casket in KwaZulu-Natal". *The South African*, 20 July 2021.

## RESUMO

Este artigo foi preparado dentro do projeto "Ordem mundial pós-crise: desafios e tecnologias, competição e cooperação" apoiado pela bolsa do programa para projetos de pesquisa em áreas de prioridade de desenvolvimento científico e tecnológico do Ministério de Ciência e Educação Superior da Federação Russo.

## PALAVRAS-CHAVE

África do Sul; Eleições Presidenciais; Jacob Zuma.

*Recebido em 05 de novembro de 2021*

*Aprovado em 07 de dezembro de 2021*

*Traduzido por Frederico Fróes*